

GLOBALIZAÇÃO E SUA INFLUÊNCIA NA MATRIZ CULTURAL

Max Berto Cerqueira

Leonardo Mèrcher Coutinho Olímpio de Melo

RESUMO

O objetivo do estudo foi analisar o conceito de globalização, não no seu senso comum que seria político e econômico, mas no campo cultural e como suas ações globalizadas e multiterritoriais interferem na constituição da identidade cultural. Tendo como base os confrontos nos conceitos de cultura, identidade, nacionalidade e território global, constatou-se que as ações da globalização acarretam dificuldades e exclusão que não condiz com seu conceito e as ideias de cidadania e do desenvolvimento humano. Neste quadro paradoxal, em específico nos contatos culturais e territoriais em frente ao sistema globalizado, inferimos que os Direitos Humanos devem defender e garantir que as interligações entre as culturas ocorram de maneira saudável e integrativa, de modo a não permitir a geração de populações marginalizadas justamente pelos aspectos desumanos da globalização.

Palavras-chave: globalização, cultura, identidade, homogeneização, direitos humanos.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será exemplificado sucintos argumentos sobre globalização em torno da comunicação mundial, fatores econômicos, sociais e implementações políticas frente à descaracterização cultural que é submetida a uma região. A globalização é uma expressão usada para caracterizar uma comprovação de grande avanço científico e evolução tecnológica. Tal fenômeno gera uma melhoria na qualidade de vida em prol da sociedade por meio das novas tecnologias de informação, que pela facilidade de comunicação amplia-se sua interação cultural com

os diferentes valores comportamentais de outros países, mostrando a possibilidade de sua disseminação sem a necessidade de inserção territorial.

Apesar de o termo trazer como referência grande avanço técnico e científico que expressa de maneira bastante chamativa e criativa, por outro lado seu real conceito ainda rege incertezas devido, sobretudo, ao fato de a globalização trazer paradoxos e contradições, que Amim Maalouf (1999) definiu como “identidades assassinas” um lado criativo chamativo junto com um lado ameaçador. Seu fenômeno se intensifica e prolifera envolvendo dinâmicas de comunicação e sua difusão em massa de identidades culturais diferenciadas e específicas que provoca uma alteração nos costumes de um povo.

O mundo e sua vasta extensão territorial representada pelas imensas raízes culturais antigas, que é a resposta pelo entendimento de uma formação e costumes de valores e pensamentos de uma sociedade formada. A cultura torna a expressão da natureza de um povo. Segundo Damatta (1986), cultura é tudo que aludisse a normas, regras e conteúdos sociais cultivados pelo homem.

As relações internacionais mergulham em diversos campos visando estudos sistemáticos destacando as empresas transacionais frente à globalização. Com essas reflexões de alterações culturais, pela disseminação de uma inserção automática que carrega uma globalização, os cientistas antropólogos ficam responsáveis em identificar e relatar às problemáticas modificações da cultura e identidade, definindo assim pelas suas teorias atualizadas as relações contemporâneas expondo críticas a identidade cultural (AGIER, 1997a; 1997b).

GLOBALIZAÇÃO: BREVE HISTÓRICO E CONCEITO

Segundo Laraia (2001) não somos resultado do local onde vivemos nem dominados por herança genética, abordando a natureza humana desde a antiguidade até os dias atuais analisando o contexto histórico cultural de todas as épocas, mostra como é complicado definir um contexto fixo sobre cultura. Avolumando suas tentativas de definições desenvolveu o particularismo histórico a qual cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou, tendo como base pensamentos de Alfred Kroeber (1876-1960) e Tylor (1832-1917).

[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 2001).

A construção de uma sociedade civilizada e a formação de uma cultura específica é um processo bastante vagaroso, sendo necessários fundamentos compartilhados de antigas raízes culturais tendo sempre um embasamento religioso envolvido, referências históricas de um povo ancestral e experiência individual que vão moldando o comportamento de um povo assim integrando e concretizando a formação de uma cultura. (HALL, 2002).

Os efeitos da pós Segunda Guerra Mundial estimulou a aceleração da inserção cultural de diferentes povos, em adição dessa velocidade de comunicação veio à queda do muro de Berlim, a qual quebrou as barreiras nacionais permitindo a vinculação de diferentes princípios ideológicos, sociais, políticos, econômicos e culturais (HUNTINGTON, 1996). Esses debates pertinentes à identidade sociocultural despertaram com mais ênfase a partir do marco histórico pós-final da Guerra Fria, que adquiriu uma grande relevância em pouco tempo tornando-se palco para grandes discussões acadêmicas e manifestações de diversas ordens, principalmente na área das Relações Internacionais e outras ciências.

Canclini (1999) acredita que abranger o consumo de produtos externos faz mais sentido que se manter no consumismo local seguindo o raciocínio econômico. A influência das grandes corporações em fragmentar o processo de produção em varias parte em diferentes locais fazendo reduzir o custo operacional perdendo a relação de fidelidade com o território, levando a uma montagem multinacional, tendo como final de pensamento que qualquer cidadão independente de sua ideologia terá acesso à informação e utilização dos produtos revolucionários (Figura 1).



Figura 1 – A globalização e seus principais fluxos.
Fonte: SENE; MOREIRA, 2015.

Em uma interpretação histórica, uma sociedade que possui uma cultura em alto grau de desenvolvimento tende a se propagar além de seus limites territoriais. No caso, esse fenômeno vem se identificando desde a expansão mercantilista, fatos intimamente ligados à ideia de colonização. Ainda com enfoque da dimensão econômica, o Banco Mundial ressalta um conceito de que a globalização é um vínculo internacional cada vez mais intenso entre o comércio e as fianças, assim com uma tendência cada vez maior ao livre mercado.

A afirmação de novas identidades culturais carrega por debaixo um caráter praticamente econômico da globalização. A perda de vínculo com o território e a desinstitucionalização são aspectos da globalização que levam a um movimento ideal em direção a um mundo sem fronteiras. Nesta amplitude de proximidade, ocorre uma troca de conhecimentos sem ao menos precisar pisar em território fixo de outro país, devido a essa possibilidade de interação ela distingue o ser igual entre os iguais ou diferentes, entre o resto (CHOMSKY, 2000).

O grande progresso do mundo atingido pela globalização é exageradamente evidente em relação às ciências e técnicas. Em tão pouco tempo após seu início se faz uma referência a uma enorme aceleração de métodos de locomoção e troca de informação, sendo extremamente necessária a construção de uma sociedade de informação com uma sólida plataforma de telecomunicação, na qual possa propagar e acrescentar alto conteúdo nas áreas da educação, saúde, meio ambiente, indústria

e comércio, possibilitando uma formação de uma geração mais apita para o futuro (MIRANDA, 2000).

Somente pelas informações concedias acima, pode-se arriscar um conceito de globalização que seria um método de aproximação entre várias sociedades e nações espalhadas pelo mundo dando um ressaltado na integração de mercados entre elas. Interligando pontos distintos compartilhando suas culturas, costumes, mercadorias, linguagem de comunicação aproximando pessoas, quebrando barreiras expandindo a economia capitalista (Figura 2). Entretanto, imposição desse conceito induz à consagração de ideias extremamente relativas de forma absoluta e seu real conceito é incerto e trás ambiguidade em sua ideologia, pois estas conquistas são por muitas vezes conturbadas com o grande avanço humanitário e moral adquirido.

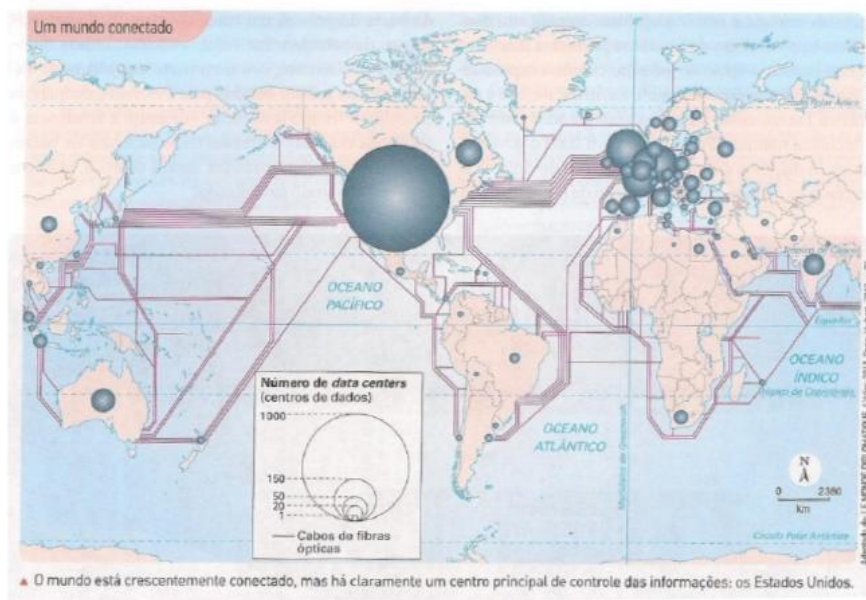


Figura 2 – Fluxo de informações.
Fonte: SENE; MOREIRA, 2015.

IDEOLOGIA IMPOSITIVA DA GLOBALIZAÇÃO

Os pensamentos de Hall diferem de algumas particularidades dos pensamentos de Laraia, nos quais as possíveis consequências adquiridas nas identidades culturais e sua diversidade são mais benéficas universalmente para todos através das diferentes peculiaridades e não no pluralismo cultural. Para Stuart Hall (2002) a consequência da hegemonia da globalização está marcada pela

desintegração das identidades de um povo, gerado pelo crescimento homogêneo cultural.

Este mesmo autor, em seus estudos, apresenta situações de algumas resistências das identidades locais frente à globalização em uma tentativa de manterem-se únicos como personagem e outras que formaram novas identidades produzidas por uma mistura de diferentes culturas, não tendo apenas uma raiz matriz, montando um indivíduo que não pertence mais a uma identidade, que muda através do conhecimento de outras, conceito chamado de identidades híbridas. A particularidade do estado de coexistir é caracterizada no confronto entre a fidedigna identidade cultural de cada ser e o constante contato e troca de experiências culturais entre todos no campo global ou local, entretanto essa troca vem marcada com grande interesse próprio transfigurando o conceito de interação e enriquecimento cultural constituindo-se uma globalização desigual, fabricando uma diversidade de novas posições identitárias, tornando-as menos permanentes e unificadas (HALL, 2003).

A proporção em que a cultura de um povo permite-se o constante contato a exposição de influências externas compromete a conservação de sua identidade, enfraquecendo-a através do bombardeamento da infiltração cultural vigente. Podendo deduzir que o controle das exposições desiguais que uma cultura tem sobre a outra, cria consequências de uma interpenetração de influências socioeconômicas no que se refere a uma desigualdade entre as nacionalidades (Figura 3).

[...] expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Um processo de amplas proporções envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Assinala a emergência da sociedade global, como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória. (IANNI, 1997, p. 7)



Figura 3 – A padronização das pessoas.

Fonte: Disponível em: <<http://www.filosofiahoje.com/2012/09/a-padronizacao-das-pessoas.html>>.

Um dos fortes fatores que talvez seja o mais destacado em relação à definição da globalização diz respeito ao seu âmbito econômico, pois sua forma de internacionalização de linha de fabricação hodierna cria seus próprios centros em espaços regionais apontando alianças globais entre vários governos e multinacionais, transferindo sua forma de produção que por consequência fragmenta fábricas locais que possuem componentes de um mesmo produto ou, até mesmo, na área de ofertas de mão-de-obra menos burocráticas ou desfavoráveis, como empresas europeias ou norte-americanas que instalam suas indústrias em países latino-americanos, sudeste asiáticos e entre outros (SANTOS, 2000).

A partir do meio econômico político, sua gestão empresarial cria um ambiente imensamente competitivo, coagindo seus elos internacionais numa tentativa de manter sua supremacia global consolidando seu mercado. Empresas e Estados neoliberais estabelecem e disseminam ideologias com intuito de estabelecer uma dependência entre a vida econômica e social atrativa que somente são adquiridas pelas forças globais, além de implementar processos políticos, sociais e ecológicos que se fortifica ainda mais o vínculos entres empresas e governos internacionais, criando ligações cada vez mais firmes entre vários países.

Este cenário é operado por elementos estruturais criados por uma sociedade de informação que grossamente são regidas por três fatores inter-relacionados que

são: a integração vertical que é um controle empresarial integrada a uma hierarquia que compartilha um dono comum, estimulada por desequilíbrio e competição crescente no mercado mundial. Segundo, seria a globalização do mercado intelectual com produtos metafóricos com caráter progressivamente internacional e, em terceiro, é a predominância de interesses privados muitas das vezes pelo interesse comum que monitorizam e comandam em segundo plano as empresas e instituições de informação e comunicação (MIRANDA, 2000).

A tendência desses aspectos da globalização no mercado da produção intelectual trás mudanças estruturais no mundo todo alterando padrões culturais para uma cultura homogênea globalizada, que vem assumindo dimensões sem limites. Principalmente pelo modo de produção industrial capitalista tornando uma linha hegemônica em sua distribuição de produtos de mídia que interferem amplamente nos processos econômicos políticos e culturais de um país, estimulando a quebra de relacionamentos interpessoal e ligação de vidas de quadros regionais para quadros transacionais. É inegável depois das informações mencionadas, o quão poder ideológico possui a globalização podendo ser comparada como uma subseqüente dos processos de colonização e imperialismo proporcionado pelos grandes polos (TORRADO, 2012) (Figura 4).



Figura 4 – Fluxo de informações

Fonte. Disponível em: <<http://amaurycardoso.blogspot.com/2015/06/globalizacao-expansao-capitalista-que.html>>.

Segundo Torrado (2012), pelo fato da origem histórica da globalização ser diversa e possuindo em suas diretrizes, os Direitos Humanos abrem mais espaço para a integração multicultural atribuindo um caráter mais absoluto que leva a uma eliminação da diversidade cultural. As consequências ainda incertas do ponto de vista do desenvolvimento humano, não se podem firmar na melhoria de qualidade de vida para as populações, pois molda as relações nacionais de maneira profunda e impositiva, mostrando que os conceitos ambíguos da globalização podem ser muito contraditórios, formando pensamentos críticos em torno desses fenômenos.

As lutas de gerações a respeito do necessário e do desejável mostram outro modo de estabelecer as identidades e constituir a nossa diferença. Vamos nos afastando da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir. As transformações constantes nas tecnologias de produção, no desenho dos objetos, na comunicação mais intensiva ou extensiva entre as sociedades — e do que isso gera na ampliação dos desejos e expectativas — tornam instáveis as identidades fixadas em repertórios de bens exclusivos de uma comunidade ética ou nacional. Essa versão política de se estar contente com o que se tem, que foi o nacionalismo dos anos sessenta e setenta, é vista hoje como o último esforço das classes médias e de alguns movimentos populares para conter dentro das vacilantes fronteiras nacionais a explosão globalizada das identidades e dos bens de consumo que as diferenciavam. (CANCLINI, 1999, p. 39)

Diante do paradoxo da conceituação da globalização como um fenômeno encoberto por dois lados de uma ideologia e dos argumentos apresentados acima, fica bastante notório sua propensão a uma monocultura, com base política e econômica reproduz a exclusão de sociedade com poderes mais baixo e culturas em formação.

Com maior facilidade do fluxo da mobilidade das pessoas incentivado pelas transições econômicas causadas pela globalização e pelo modo de produção mais descentralizado contribuiu altamente para o crescente fluxo da migração que automaticamente intensificou as políticas de fronteira. Em resultado de sua filosofia unilateral, principalmente sua generalidade abstrata forma diversos paradoxos no que diz respeito ao seu discurso e práticas notadas no cotidiano, especialmente vinculadas pela mídia, o sociólogo Bauman (2005) cita pessoas que necessitam de carência como os refugiados, migrantes, os que buscam asilo até mesmo os clandestinos compõem os resíduos da globalização que por coação ou outro motivo se veem obrigados a deixar seu território, pois a desterritorialização para os mais pobres é sinônimo de insegurança que muitas vezes resulta em falta de opção, lado desumano que vai contra a dignidade e os direitos humanos.

Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. Fala-se, igualmente, com insistência, na morte do Estado, mas o que estamos vendo é seu fortalecimento para atender aos reclamos da finança e de outros grandes interesses internacionais, em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil. (SANTOS, 2000).

Mediante dos fatos mencionados a cultura não pode ser estudado separadamente do social, pois as relações culturais abrangem um quadro complexo das relações sociais, sendo ela por meio da integração ou desintegração, competição e conflitos que levam a um fenômeno de reação em cadeia que muitas vezes são fenômenos que não são previstos. A aculturação forma então eventos sociais não limitados:

Em geral, as zonas de contato são campos sociais em que diferentes mundos da vida cultural se encontram, medeiam, negociam e confrontam. Zonas de contato são, portanto, zonas em que ideias, conhecimentos, formas de poder, universos simbólicos e modos de agir rivais se encontram em condições desiguais e interação de múltiplas formas (resistência, rejeição, assimilação, imitação, tradução, subversão etc.) de modo a dar origem à constelações culturais híbridas, nas quais as desigualdades das trocas pode ser reforçada ou reduzida. (SANTOS, 2014).

Para melhor entendimento das características fundamentais do nosso cotidiano é necessário compreender melhor a interação cultural entre pessoas e grupos sociais. Os fenômenos da aculturação ajudam na interpretação das culturas, pois a aculturação designa as mudanças que acontecem e podem acontecer em uma sociedade com a junção de várias culturas externas.

Baseando nos assuntos das temáticas mencionadas neste estudo, pode-se fragmentar nos assuntos da construção cultural e identidades territoriais pelo homem no conjunto histórico individual e no sistema acumulativo das gerações anteriores, que são fatos que justificam os comportamentos da sociedade mesmo com a dinâmica de constantes mudanças. Outra parte condicionada é como a globalização afeta essas identidades pela exposição do sistema globalizado e sua imposição do mercado que avança gerando parcelas diferentes de particularidades resultando em uma homogeneização cultural, em parte contraditória, com sua ideologia impositiva mostrando vários paradoxos, sendo o maior delas a criação de forças desiguais da população que vai de frente com as leis que rege os direitos humanos.

O desafio que se impõem é como agregar os valores da globalização que ela proporciona sem descaracterizar o identitário, acrescentar conhecimento sem provocar uma perda de sua raiz cultural, não ser absorvido pelas forças opressivas

pelos que tem maior poderio seja econômico, político ou social. Para efetivar esta ideia, os direitos humanos precisariam alcançar uma prática realmente emancipadora culturalmente garantindo os direitos que reside à necessidade da dignidade humana presente nas diversas culturas. Não é negando os avanços e os progressos que a globalização atingiu no mundo, mas trata-se de compreender que existe uma possibilidade em um novo regime de globalização com base nos seus avanços técnicos e científicos, em tramar uma nova forma de política que tenha como objetivo universalizar os parâmetros de identidades e garantir a inclusão e aceitação de todas as culturas existentes.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. 1997a. **“Nouveaux Contextes, Nouveaux Engagements. Comment Être sur le Terrain Aujourd’hui?”**. In: M. Agier (ed.), **Anthropologues en Dangers. L’Engagement sur le Terrain**. Paris: Éditions Jean-Michel Place. pp. 9-28. 1997b. **“Ni Trop Près, Ni Trop Loin. De l’Implication Ethnographique à l’Engagement Intellectuel”**. *Gradhiva*, 21:69-76.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CARDOSO, A. **Globalização: Expansão Capitalista que dita os novos modos de vida no século XXI**. amaurycardoso.blogspot.com. 07/06/2015. Disponível em: <<http://amaurycardoso.blogspot.com/2015/06/globalizacao-expansao-capitalista-que.html>>. Acessado em: 22/10/2018
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- CHOMSKY, Noam. **Discurso da Dissidência**. Lisboa: Dinossauro, 2000.
- DAMATTA, Roberto. **Exploração: um ensaio de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco. 1986.
- GOUARD, F. **A padronização das pessoas**. filosofiahoje.com. 10/09/2012. Disponível em: <<http://www.filosofiahoje.com/2012/09/a-padronizacao-das-pessoas.html>> Acessado em: 22/10/2018
- HALL, Stuart. **Questions on cultural identity**. Londres: Sage, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martis Fontes, 2002.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações: e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

IANNI, Octávio. **Teorias da globalização. 4ª edição**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAALOUF, Amin. (1999). **As identidades assassinas**. Lisboa, Difel (ed. orig. 1998).

MIRANDA, Antonio. **Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos**. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Se Deus fosse um ativista dos Direitos Humanos**. Cortez, 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SENE, E. de; MOREIRA, J. C. **Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2015. 3 v.

SILVEIRA, Vladmir Oliveira da. ROCASOLANO, Maria Mendez. **Direitos Humanos: Concepções, Significados e Funções**. São Paulo: Saraiva, 2013.

TORRADO, Jesus Lima. **Problemas Conciernentes a la ambigüedad conceptual y terminológica de la globalización y su incidencia ideológica sobre el sistema de derechos humanos**. *Revista de Administración Pública*, n. 105, Madrid, UNAM, 2012.